

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro - 28/07/84 Class.: _____

Data: _____

Pg.: _____

4468 Uma "Funai diferente" salva os Nhambiquara

ROSANE GARCIA
Da Editoria Nacional

Velhena — "O homem só pode possuir o que lhe for possível carregar". Esta é a filosofia básica dos índios Nhambiquara que vivem entre o sul de Rondônia e Noroeste de Mato Grosso, numa área de 340 mil hectares. Quase extintos com o início da construção da BR-364, que corta o Vale do Guaporé, desde 1981 por imposição do Banco Mundial, os Nhambiquara passaram a receber uma assistência efetiva da Fundação Nacional do Índio.

Antes de 81 existiam apenas três aldeias no Vale do Guaporé e nove funcionários para cuidar de uma população de quase 800 índios. Através de recursos do Polonoreste, o número de postos foi ampliado para 11 e na área há 132 pessoas, parte contratada pela Funai e parte pelo projeto, com o objetivo de dar uma assistência aos vários subgrupos Nhambiquara, considerados os índios mais primitivos da América.

"É uma Funai diferente. E isso só foi possível porque tivemos recursos financeiros suficientes para executarmos um bom trabalho". Assim a economista Nadir Maria Alverca define a atuação do órgão junto aos Nhambiquara. Em algumas áreas, como a habitada pelos índios Kinthãlu, distante da BR-364 não mais que 30 quilômetros, até o começo do projeto os índios viviam sem qualquer assistência. Há alguns anos este subgrupo sofreu uma epidemia de caxumba, o que afetou seriamente a reprodução do grupo. Depois da instalação de um posto indígena, dotado de infra-estrutura mínima, o

número de nascimentos vem aumentando e no período 83/84 não houve nenhuma morte.

A destruição dos Nhambiquara estava, a princípio, intimamente ligada à construção da BR-364. O desenvolvimento começava a chegar àquela região, e com ele as empresas agropecuárias colocaram em risco a sobrevivência dos índios, pela devastação das matas. Ao invés de terem o que caçar, os Nhambiquara tinham à sua frente apenas pastagens e gado. Somava-se a esta situação as constantes pulverizações com Tordon 101 e Tordon 105, produtos altamente tóxicos.

Diante deste processo de destruição, o primeiro passo da Funai em defesa dos Nhambiquara foi lhes garantir a terra e investir no setor de saúde. Com Cr\$ 111 milhões, foi dado início ao processo de demarcação da área, da construção de enfermarias e da contratação de pessoal médico e paramédico. Uma melhoria no nível de saúde foi conseguida. Ano passado, foram registrados 44 nascimentos contra quatro óbitos e este ano já nasceram 25 crianças e houve apenas dois falecimentos.

Num segundo momento de atuação, compreendido entre 82/83, a Funai já dispunha de um pouco mais de Cr\$ 250 milhões, destinados a implantar a infra-estrutura necessária ao funcionamento dos 11 postos indígenas. Isto implicava em construir escolas, casa-sede, enfermarias, entre outras obras necessárias ao trabalho de assistência. Entre o ano passado e este ano, o órgão recebeu recursos da ordem de Cr\$ 1,8 bilhão. Desta vez, a prioridade foi a agricultura.

Embora tradicionalmente os Nhambiquara sejam um povo extrativista, a formação de roças de subsistência se fazia necessária. Dentre as várias comunidades, algumas, este ano, conseguiram uma produção excedente de milho.

No entanto, o forte da economia Nhambiquara continua sendo a extração da borracha. Até o final deste ano a estimativa é de que a renda per capita chegue a Cr\$ 600 mil, incluindo a população infantil.

Dentro dos projetos da Funai, o período 84/85, para qual o órgão deverá receber recursos em torno de Cr\$ 4,5 bilhões, o setor educação receberá uma atenção especial. Neste sentido, técnicos do órgão e de outros organismos vinculados ao projeto pretendem inovar, antes ensinando ao índio a sua história na sua língua, para, então, a partir daí, ensinar-lhe a língua nacional. Além disso, dentro de 60 dias, conforme anunciou o presidente da Funai, Jurandy Fonseca, a demarcação do Vale do Guaporé, ou seja, das 11 aldeias, estará concluída pelo Exército.

Apesar de considerados os índios mais primitivos da América, os Nhambiquara já começam a elevar o seu padrão de vida. Hoje, as tradicionais casas de palha — ambiente propício à proliferação de baratas e outros insetos — estão sendo substituídas por habitações de madeira cobertas com cavaco e mesmo com telhas. A opção por uma nova forma de moradia não significa despesa para o órgão. Os Nhambiquara têm arcado com o ônus desta melhoria de vida, através do trabalho de extrativismo.

Peemedebista acusado de exploração

Vilhena (Da enviada especial) — A visita do presidente da Fundação Nacional do Índio, Jurandy Marcos da Fonseca, ao Vale do Guaporé, foi uma surpresa para os Nhambiquara que ali vivem. Pela primeira vez, eles estavam conhecendo o dirigente do órgão que tem como obrigação prestar assistência às comunidades indígenas, buscando integrá-las à sociedade.

No entanto, na Aldeia do Capitão Pedro, onde vivem os índios Mamaindê, a surpresa maior foi da comiti-

va de Jurandy Fonseca. Os índios não esperavam que fosse o presidente da Funai e armaram-se para atacar quem descesse do avião. Quando o avião pousou, os índios apontavam suas armas na direção do "inimigo". Desfeito o equívoco, o índio Lúcio explicou que por muito tempo eles foram atormentados pelo ex-deputado federal Antônio Morimoto (PMDB-SP), que se apossou das terras dos Mamaindê no início da década de 70, devastando toda a área para criar gado.

Como tática para intimi-

dar os índios, segundo a denúncia de Lúcio, Morimoto se utilizava de aviões e por mais de dois anos impediu a construção de uma enfermaria na Aldeia do Capitão Pedro. Atualmente a pista de pouso é, constantemente, ocupada por troncos de madeira, para evitar o ingresso dos "homens" do "japonês".

O índio Lúcio informou ao presidente da Funai que o gado, de propriedade do ex-deputado, continua na área indígena, o que vem pondo em risco as lavouras por eles feitas.